

Seção Especial

Linguagem Audiovisual e Formação de Professores: um Diálogo Possível

Palavras-chave

Vídeo
Linguagem Audiovisual
Aprendizagem
Educação a Distância

Keywords

Video
Audiovisual Language
Learning
Teaching at a Distance

Rosane Andrade Torquato*

Resumo

No contexto da aprendizagem efetiva e integral do ser humano é necessário, quando da utilização do meio audiovisual, compreender o valor deste, suas vantagens e desvantagens no processo de construção do saber. A linguagem audiovisual possui uma riqueza particular, um espaço a ser compreendido e aproveitado na formação de cada sujeito. O computador, a internet, a televisão, o vídeo são alguns dos meios que se utilizam da linguagem audiovisual e são articulados no processo do conhecimento. O enfoque desta pesquisa girou em torno do último elemento aqui citado – o vídeo. Muitas são as instituições de ensino que se utilizam do vídeo como um dos instrumentos na formação do sujeito. A utilização da linguagem audiovisual de forma didática deve caracterizar-se por não desperdiçar seu poder comunicativo e pedagógico tornando o meio eficaz e pertinente aos objetivos propostos e almejados. Independente da temática estabelecida, o audiovisual, em particular o vídeo, deve caracterizar-se como espaço instigante de curiosidade, de busca, na tentativa de resolver um problema que tem significado para os interlocutores. O vídeo pode ser facilitador de interações entre o aluno e o programa, os alunos e outros semelhantes. O programa é o mesmo, mas cada um vai recebê-lo de maneira diferente. Aqui está a riqueza, o mistério, o desafio.

Biografia

* Licenciada em Pedagogia -
PUCPR

Abstract

In the effective and full learning context of the human being, it's necessary to understand - when the audiovisual method is being used - the value of this method and its advantages and disadvantages in the building process of knowledge. The audiovisual language has a particular richness; a space to be understood and taken advantage of in the forming of each individual. The computer; the internet; the T.V. and the video are some of the means which use the audiovisual language and are articulated in the knowledge process. This research has been focused on the video. Many are the teaching institutions which use the video as an instrument in the individual upbringing. The use of the audiovisual language to teach, must be distinctive in not wasting its communication and didactical strength, but - on the contrary - turning this means of communication into an effective way of reaching the proposed and wanted goals. Apart from this established theme, the audiovisual method, chiefly the video, should be characterized by its instigating curiosity space for search in the attempt to solve a problem which has meaning for the viewers. The video can make easy the interaction between the student and the program, or the students and the others. The program is the same but, each one will perceive it in a different way. Here is the importance of the richness of this challenge.

Introdução

A linguagem, em suas diferentes manifestações, surge como interlocutora do homem com o outro diferente dele (objeto, outros organismos, outras pessoas) a fim daquele inferir possibilidades que transformem o existente numa estrutura significativa, dentro da qual ele, o homem, possa orientar-se e sobreviver.

As diferentes linguagens são elementos que desde os primórdios organizam/reorganizam culturas e sociedades em síntese direta com o ser humano que a constrói/reconstrói, repassando e evoluindo conceitos em prol da manutenção e valorização da espécie humana. Desde o período pré-histórico, através da reconstrução dos sons ouvidos na natureza até as demonstrações artísticas, passando pelas noções de organização urbana presentes nas

construções civis e na escultura, o homem foi estabelecendo contato e aprendendo a partir desses.

A linguagem audiovisual não é um acontecimento novo. É mais antiga do que podemos imaginar. GUTIERREZ (1978, p.60) afirma que todo ser humano antes mesmo de ser comunicação falada ou escrita (abstrata) é comunicação visual e sonora (concreta). “Primeiro foi à imagem, depois a palavra”. A linguagem audiovisual nos arrebatava, sensibiliza, faz rir e chorar, mexe com nossas emoções, nosso espírito.

Devido às muitas exigências do dia-a-dia, a educação presencial nem sempre é uma possibilidade ao alcance, fazendo-se necessário, portanto, recorrer a outras modalidades

de ensino, outras opções de estudo. Essas tomam a forma de diferentes instrumentos utilizados também e, na maioria das vezes, por projetos de formação educacional via Educação a Distância (EAD). A correspondência, o impresso (cadernos, revistas), o rádio, o computador, a internet, as fitas cassetes, o cd-rom, a televisão, o vídeo são alguns dos meios usados no processo do conhecimento. O enfoque desta pesquisa¹ transcorreu em torno do último elemento aqui citado – o vídeo.

Diferentes instituições e organizações de cunho educacional vêm se utilizando do vídeo como um dos instrumentos na formação do sujeito. Uma dessas experiências diz respeito ao FONAPER (Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso) que diante do desafio de capacitar professores para o Ensino Religioso – mediada pela lei 9475/97 que deu nova redação ao artigo 33 da LDB 9394/96 referente a essa área do conhecimento - concebe e sistematiza o curso por extensão intitulado “Ensino Religioso: capacitação para um novo milênio” num trabalho articulado com a Universidade São Francisco (SP) e com a Rede Vida de Televisão. Por ser um Curso de Educação à Distância (EAD), os materiais constaram de impressos (folders, cadernos) e fitas de vídeo (reprodução para as aulas televisionadas).

Para FERRÉS (1996, p.37), todo e qualquer meio deve ser escolhido em função de critérios de eficácia e de pertinência. Dessa forma, no intuito de compreender o valor da linguagem audiovisual, em particular, a impor-

tância do vídeo enquanto mídia e tecnologia educacional e o uso adequado do mesmo na ação pedagógica, esta pesquisa utilizou como objeto de estudo as fitas de vídeo do curso do FONAPER a fim de solucionar o seguinte problema: Quais as características técnicas e pedagógicas do material em vídeo do Curso do FONAPER – Ensino Religioso: capacitação para um novo milênio?

Para poder responder adequadamente a essa pergunta, a investigação teve como objetivo geral a análise da linguagem audiovisual do ponto de vista técnico e pedagógico, essencial a todos aqueles que se propõem a usá-la de forma didático-pedagógica a partir do material em vídeo do curso “Ensino Religioso: capacitação para um novo milênio”.

O enfoque dado a esta pesquisa mostra na medida em que os dados aqui evidenciaram, a importância da linguagem audiovisual na vida do ser humano; o valor da articulação do som e da imagem na construção de um vídeo didático; vantagens e desvantagens do uso do vídeo; coerência entre a linguagem do vídeo e a concepção de aprendizagem na elaboração do mesmo.

Linguagem Audiovisual e Educação: Espaço para Novas Interfaces

Em geral, acredita-se que basta uma palestra ser veiculada por uma máquina para aquela ser eficaz. Entretanto, isso não é uma verdade. Há muitas palestras que seriam menos intolerantes se ouvidas diretamente do que

¹ Pesquisa desenvolvida quando da participação no Grupo de Pesquisa Educação e Religião – Área de Educação – PUCPR - 2001

assistida através de uma tela. A questão não é o meio, mas a linguagem.

Os efeitos de todo processo comunicativo são derivados, em proporções diversas, dependendo dos casos, de seis fatores: os conteúdos, o meio, a linguagem, o destinatário, o meio social e o contexto comunicativo imediato. Cada um desses exerce sua própria influência e, ao mesmo tempo, todos interagem e se condicionam entre si. No contexto da aprendizagem efetiva e integral do ser humano, é necessário, quando da utilização do meio audiovisual, compreender o valor desse, suas vantagens e desvantagens no processo de construção do saber.

A linguagem audiovisual é, em sua essência, diferente da linguagem verbal de nosso cotidiano. Para SANCHO (1998, p.130), “No processamento paralelo próprio da expressão audiovisual, são captadas simultaneamente informações procedentes das fontes visual e auditiva”, ou seja, os significados advêm da interação de múltiplos elementos visuais (cores, imagens, efeitos, caracteres) e sonoros (músicas, texto verbal/oral, efeitos sonoros, etc). Sendo assim, o bom audiovisual é uma linguagem de síntese.

A imagem tem a capacidade de precipitar uma cultura baseada em presenças, realidades e conceitos. Todo signo visual ou sonoro tem o potencial informativo enquanto faz referência a um objeto. Fomos habituados a nos comunicar somente num sentido. Precisamos conhecer como se dá o funcionamento da recepção de linguagens no interior do sujeito.

É de fundamental importância o papel

que desempenham os dois hemisférios do cérebro humano na elaboração do pensamento e da configuração do comportamento humano. O hemisfério esquerdo comanda o lado direito do corpo, em geral dirige as funções relacionadas à linguagem e à abstração. Corresponde a esse hemisfério o desenvolvimento linear, lógico e racional do pensamento, operações de análise e síntese, possui maior sensibilidade ao visual. Em contrapartida, o hemisfério direito controla o lado esquerdo do corpo. Neste, encontram-se as áreas específicas que regem funções como a distinção e o reconhecimento das formas, sons; em geral comanda as funções espaciais não-verbais. É o hemisfério da emoção, do intuitivo, do criativo, do sintético, do repouso, do espiritual, do acolhimento. Ambos os hemisférios trabalham a informação de maneira diferente, subentendendo processos mentais distintos (FERRÉS, 1996, p.12-17).

A partir disso, ler um texto escrito e olhar uma fotografia são duas operações diferentes a partir do ponto de vista do processo mental. A cultura ocidental foi dando maior valor às funções que dizem respeito ao hemisfério esquerdo (ler, escrever, memorizar, analisar, etc). Por outro lado, com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa da era eletrônica (múltiplas imagens e sons), o hemisfério direito vem sendo grandemente ativado, porém nem sempre para o desenvolvimento integral do ser humano (numa perspectiva consciente de aprendizagem).

Para DONDIS (1999, p. 14-27), ao nos constituirmos na civilização da escrita e aprendermos toda uma linguagem estruturada no alfabetismo verbal - sendo esta demarcadora

do tempo e espaço, tanto em sua própria essência quanto atuação - devemos ter um novo olhar para uma linguagem que permeia todas as mídias (tanto lineares quanto interativas) e que até então parecia ser restrita ao domínio de artistas, arquitetos, entre outros, estamos falando da *linguagem visual*. A utilização de uma abordagem visual do ensino carece de rigor e objetivos bem definidos. Em muitos casos, comenta Dondis, enquanto alunos, somos bombardeados com diversos recursos - diapositivos, filmes, slides, projeções audiovisuais -, porém são apenas apresentações que reforçam sua experiência passiva de consumidores de televisão. Os recursos de comunicação que vêm sendo produzidos e usados com fins pedagógicos são apresentados com critérios muito deficientes para a avaliação e a compreensão dos efeitos que produzem.

Entre todas as tecnologias possíveis, é preciso estudar e conhecer o significado que se manifesta nos dados representacionais, na informação ambiental, nos símbolos e também nas forças compositivas que existem e coexistem com a expressão factual e visual. Todo acontecimento visual é uma forma com conteúdo sendo extremamente influenciado pela importância das partes constitutivas, como a cor, o tom, a textura, a dimensão, a proporção e suas relações compositivas com o significado.

Aprendizagem e Linguagem Audiovisual: Relação Possível

O homem aprende, através de operações do pensamento, quando observa, reflete, analisa, critica, classifica, compara, induz e deduz, aplicando e desenvolvendo, assim, aspectos cognitivos.

Mas o ser humano não é só razão. Por isso além do pensar, há o criar, o intuir e o sentir, envolvendo dessa forma aspectos relacionados ao afeto e valores. FERRÉS (1998, p.272) argumenta que "Educa-se na racionalidade. Mas vive-se em um meio social no qual prevalece a emotividade".

No paradigma emergente, segundo comentários de BEHRENS (1999, p.59-64), o sujeito deve ser visto como um ser indivisivo, havendo o reunir do cérebro e emoções, usando também as sensações, sentimentos e intuições num movimento constante do aprender. A concepção de conhecimento, portanto, é redefinida a partir do novo olhar que se lança sobre o ser humano. As palavras do pensador MORIN reafirmam isso:

"Todo conhecimento constitui, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob a forma de representações, idéias, teorias, discursos (...) comporta operações de ligação (conjunção, inclusão, implicação) e de separação (diferenciação, oposição, seleção, exclusão). O processo é circular, passando da separação à ligação, da ligação à separação, e , além disso, da análise à síntese, da síntese a análise. Ou seja: o conhecimento comporta, ao mesmo tempo, separação e ligação, análise e síntese."

(2001, p. 24)

É imperativo para a ação educacional: promover situações que possibilitem o desenvolvimento no indivíduo da aptidão para contextualizar e globalizar. Para tanto, a educação precisa ir para além de seu campo, buscar novas fundamentações para uma maior articulação com outras ciências, dentre elas cabe destacar aqui nesse trabalho a ciência da comunicação em suas múltiplas facetas. Uma nova percepção e reflexão entre a educação e a comunicação deverá permitir uma ação mais amadurecida em prol do crescimento e da formação do sujeito. A educação deve promover

uma comunicação como processo e não apenas a decodificação de mensagem pelo destinatário dentro do estabelecido pelo emissor (PERUZZOLO, 1993, p.127-130).

Os meios audiovisuais, em particular o vídeo e a televisão,² têm a capacidade de combinar, intercruciar um conjunto amplo de imagens, sons, ritmos, músicas, textos escritos. MORAN (1998, p.93-100) declara que cada indivíduo é “tocado” pela imagem, pelos movimentos de câmera, pela música, pela narração emocionada do interlocutor. “Normalmente a imagem mostra, a palavra explica, a música sensibiliza, o ritmo entretém”.

Dessa forma, percebe-se que a afetividade (desenvolvida pelo estímulos recebidos no hemisfério direito) é espaço riquíssimo para a aprendizagem. O que para nós tem significado é o que desejamos. Por isso, buscamos e elaboramos duradouras relações. Para FERRÉS “(...) a linguagem audiovisual exercita atitudes perceptivas múltiplas, provoca constantemente a imaginação e confere à afetividade um papel de mediação primordial no mundo” (1996, p. 66). O exercício interno desenvolvido ao longo da prática da linguagem através do som e da imagem determina uma forma de ver, de compreender, de aprender em que a afetividade e a imaginação são protagonistas indispensáveis.

Percepção, interpretação, sensibilidade, visão do todo e não só das partes já são um bom começo para a aprendizagem da linguagem visual que é delineado pelo hemisfério

direito através de suas funções. Cabe à educação utilizar-se da comunicação, do diálogo, da confrontação para que haja a passagem das emoções, da visão global, da intuição ao hemisfério das reflexões e da racionalidade.

É necessário que diferentes profissionais trabalhem de forma multidisciplinar a fim de conceber, elaborar e executar um trabalho adequado na formulação didática de um vídeo. PFROMM NETTO (1998, p.19) afirma que todos os materiais audiovisuais que tem como objetivo a educação efetiva do indivíduo necessitam da combinação do trabalho sinérgico de profissionais com diferentes competências: (a) profissionais que dominem os múltiplos processos e meios técnico-artísticos necessários ao planejamento e à produção de materiais educativos – diretores, produtores, roteiristas, operadores de câmera, operadores de áudio, engenheiros de som, cenógrafos, iluminadores etc; (b) especialistas responsáveis pela qualidade do conteúdo a ser ensinado/aprendido; (c) especialistas que se incumbam da orientação psicopedagógica da produção, seguindo os princípios e as regras baseadas em pesquisas de como os seres humanos aprendem, retêm e aplicam o que aprenderam.

Vídeo: Inferindo um Olhar Pedagógico

Ao utilizar-se do vídeo como instrumento pedagógico (isso se aplica a qualquer outro meio que também tenha essa intenção) deve-se ter a certeza de que nenhum outro meio terá condições de mostrar bons resultados sobre o tema em questão. O vídeo apresenta vantagens em situações, por exemplo, que necessitam de movimento como é o caso do estudo do coração como bomba impulsora do sangue; quando não é suficiente a exposi-

² Este trabalho delimita seu olhar sobre o vídeo, entretanto, não se pode esquecer que o vídeo está intimamente ligado à televisão. Esta toma a forma de monitor ou retransmissora do que foi gravado naquele, denotando, portanto, o grande envolvimento entre esses elementos.

ção verbal ou escrita para uma perfeita compreensão do assunto; ou quando o audiovisual é elemento estimulante para causar motivação no aprendente, entre outras situações que sejam favoráveis ao conhecimento. O programa didático não deve ser elaborado em função de alguns conteúdos intelectuais. Muitos programas didáticos têm sido escritos ou executados sem a devida intervenção de profissionais competentes da área. Dentro de uma concepção audiovisual, não se pode aceitar como bom um programa que comunica as emoções por um lado e as idéias por outro. O programa didático ideal cumpre, além das exigências referentes ao conteúdo, as exigências da linguagem audiovisual, ou seja, não só transmite as informações de caráter cognoscitivo, mas também sensações, emoções, experiências. Nas palavras de FERRÉS, “*é por meio dessas que transmite as informações de caráter cognoscitivo*” (1996, p. 64-65). O caminho é a interação dessas linguagens.

Diferentes imagens, movimentos, cenários, cores, imagens ao vivo, criadas no computador, diferentes sons, o silêncio que exprime um fato, são alguns dos elementos que podem ser utilizados pelo vídeo objetivando nos tocar e nos atingir. Numa perspectiva pedagógica, esse “tocar” abre caminho para a consciência, para a aprendizagem.

Baseando-se ainda nos estudos de FERRÉS (1996, p. 66), o processo de compreensão ou elaboração intelectual a partir do audiovisual ocorre em quatro etapas assim distribuídas:

a. Parte-se de um impacto provocado pela integração da imagem e do

som, um impacto que incide globalmente na personalidade;

b. O impacto produz um estado emocional confuso, uma agitação sem conteúdo preciso, porém, que pré-orienta a percepção ou o conhecimento;

c. Elaborar-se o sentido em um ato de compreensão freqüentemente de tipo associativo, que não representa apenas distanciamento com relação à mensagem audiovisual;

d. Toma-se uma distância reflexiva e crítica mediante à análise da vivência e da conceitualização.

Há o risco, segundo o referido autor, de que, no processo de compreensão da mensagem audiovisual, o aluno não consiga superar a fase do impacto emocional, alcançando à distância reflexiva e crítica. Nesse caso, o processo é superado mediante uma atitude reflexiva e favorecedora através do diálogo, cabendo ao interlocutor (o professor em muitas situações) estimular a passagem ao campo da razão de uma linguagem que em si mesma não é particularmente de cunho racional.

No intuito de que também haja construção do saber, formação e construção da aprendizagem, além de informações até muito interessantes, os elementos expressivos de ordem visual e sonora devem ter identidade própria, pois somente obterão significado quando entrarem em contato com os demais. Não é por justaposição ou superposição dos elementos visuais e sonoros que se estabelece um bom audiovisual, mas é na interação mú-

tua e na adição desta com outras interações que será superado o significado de cada elemento expressivo, alcançando, portanto, um significado global que foi planejado e executado para atingir um ser integral e também global. Dessa forma, uma adequada articulação entre técnicos e pedagogos é elemento fundamental na elaboração de um audiovisual didático. Sua eficácia em relação aos objetivos propostos dependerá em grande parte disso. Aqui começa a construção do conhecimento.

Diferentes Linguagens e a Formação do Professor: um Estudo de Caso

Num contexto de mudanças recentes em relação à regulamentação do Ensino Religioso enquanto área do conhecimento, algumas instituições de ensino e organizações arregimentam-se em busca de uma adequada formação para o corpo docente. Objetivando atingir professores da Educação Básica, o FONAPER sistematizou o curso por extensão via Educação à Distância – Ensino Religioso: capacitação para um novo milênio. Competentes profissionais, especialistas de diferentes áreas, elaboram textos, sistematizam idéias em direção a construção dos impressos (cadernos) e das aulas televisionadas que teve como concepção de aprendizagem, segundo entrevista dada por um dos membros do FONAPER, a construção do conhecimento. A Universidade São Francisco entraria com a certificação, enquanto a Rede Vida seria a primeira retransmissora do curso.

O curso apresentou a estrutura de impressos (12 cadernos) e audiovisual (12 aulas produzidas em vídeo para retransmissão via TV em data previamente marcada. Os vídeos

poderiam ser adquiridos depois por quem assim o quisesse). Cada volume correspondeu a uma aula (impresa e televisionada). Tanto os cadernos quanto os vídeos apresentaram a seguinte estrutura pedagógica: os volumes 1 a 3 descreveram o aspecto legal da disciplina; do 4 ao 9 delineou-se aspectos relacionados ao fenômeno religioso, textos sagrados, conteúdo geral da disciplina; do 10 ao 12 configurou-se a proposta pedagógica baseada nos parâmetros curriculares do Ensino Religioso e no cotidiano da sala de aula. Os cadernos possibilitaram a oportunidade de estudo individual/grupal com propostas para discussão/reflexão e atividades individuais a serem entregues para serem submetidas posteriormente à correção. Ao término da última tele-aula e conseqüentemente do último trabalho a ser entregue, o aluno receberia a certificação de conclusão do curso. O percentual da carga horária do curso dividiu-se, então, em 80% para o estudo via os impressos (cadernos) e 20% para as vídeo-aulas.

O curso contou com a participação de alunos de diferentes estados brasileiros, coordenadorias locais (tutores), possibilidade de comunicação via correspondência, telefone, fax, internet. Teve a duração de doze semanas. O curso teve duas turmas em momentos distintos. A primeira teve as 12 (doze) teleaulas retransmitidas pela Rede Vida a partir de julho de 2000, e a segunda, pela Rádio e Televisão Educativa do Paraná (novembro/dezembro2000).

No processo de investigação desta pesquisa, foram desenvolvidos os seguintes instrumentos de coleta de dados: entrevistas não estruturadas (a fim de melhor compreender o

contexto em que foi elaborado o curso do FONAPER); instrumento em forma de checklist, ou seja, com base no referencial teórico foram organizados alguns critérios que formaram a base da avaliação dos vídeos. Esse instrumento foi dividido em módulos assim denominados: Quadro de Avaliação Técnica e Quadro de Avaliação Pedagógica. O primeiro refere-se às categorias e critérios referentes à formulação técnica do audiovisual, enquanto que o segundo mostra elementos importantes para a construção da aprendizagem.

No quadro de Avaliação Técnica, apresentou-se as seguintes categorias: *ficha técnica na caixa da fita; vinheta; logo; cenário; luz e sombra; imagem; som*. Já no quadro de Avaliação Pedagógica as categorias foram as seguintes: *formulação didática e formulação audiovisual*. Não sendo aqui o local adequado para apresentação detalhada de toda a análise dos dados, serão observadas apenas algumas categorias. Do Quadro de Avaliação Técnica serão descritas abaixo apenas as categorias LOGO, VINHETA E CENÁRIO.

O LOGO em todas as vídeo-aula é o mesmo que aparece nos impressos (folder, cadernos), dando coesão à identidade dos materiais. Enquanto categoria de análise técnica do material audiovisual, foram definidos os seguintes critérios como elementos a serem encontrados: *identidade visual; qualidade enquanto signo; ser interessante e atrativo e um bom fixador de idéia*. No vídeo a configuração e movimentos do logo possibilitou um significado maior, mesmo a partir das diferentes percepções de cada indivíduo. Isso favoreceu positivamente sua forma enquanto símbolo, ou seja, o de ser uma representação observável

e concreta de uma idéia intangível. Em algumas vídeo-aulas, por exemplo, o logo foi utilizado ao lado de alguma explicação escrita, denotando sua função de fixador não só da idéia geral do curso, mas também de palavras ou expressões significativas para o conteúdo em determinado momento. Foi também adequadamente articulado com a VINHETA do programa, dando sentido e nos “tocando” de maneira sutil e ao mesmo tempo objetiva.

Na categoria VINHETA, todos os critérios elaborados - *identidade visual, qualidade musical, qualidade artística e signo* - marcaram presença em todas as vídeo-aulas.

A vinheta caracterizou-se por ser um elemento audiovisual de rico significado, tecnicamente bem elaborado e articulado ao tema do programa. Além do aspecto estético, a vinheta exerceu algumas funções como a de dar identidade ao programa e trabalhar em nossa memória usando diferentes sentidos, visto que esse elemento não aparece sozinho, mas articulado ao logo ou outro elemento visual que tenha a idéia de fixar uma idéia, um pensamento, um momento.

A categoria CENÁRIO apresentou os seguintes critérios: *identidade visual, identidade com o tema, boa estética e qualidade gráfica*, presentes em todas as vídeo-aulas dando unidade visual ao programa e comunicando o propósito para o qual foi concebido. O cenário enquanto habilidade artística e técnica é um acontecimento visual, uma forma com conteúdo, mas o conteúdo é extremamente influenciado pela importância das partes constitutivas como a *cor*, elemento visual que mexe com as nossas emoções; o *tom*, que nos ajuda a enxergar pela presença ou não de luz; a *textura*, que dá o caráter de superfície dos materiais visuais; a *di-*

mensagem e o movimento que são expressos com a mesma freqüência; *a proporção e suas relações compositivas com o significado*. Um bom cenário, do ponto de vista técnico, deve levar em consideração a articulação desses elementos, favorecendo o surgimento de uma resposta qualitativa aos objetivos da mensagem.

Sobre o Quadro de Avaliação Pedagógica e suas respectivas categorias - FORMULAÇÃO DIDÁTICA E FORMULAÇÃO AUDIOVISUAL -, apresento abaixo apenas alguns critérios por mim considerados relevantes para este momento.

Na FORMULAÇÃO DIDÁTICA, o item *informativo e formativo* aparece como elemento avaliador, baseando-se também na concepção dos elaboradores do curso que objetivaram não apenas informar ou repassar informações aos alunos, mas colaborar na formação e desenvolvimento de um processo participativo. Observa-se, porém, que as vídeo-aulas não conseguiram atingir esse critério. Fazendo parte de 20% da carga horária do curso, as aulas elaboradas via linguagem audiovisual configuraram-se como muito informativas, apesar de assim mesmo *permitir a reflexão* (este é outro elemento no quadro de avaliação). Todavia, o próprio refletir necessita de diferentes estímulos como, por exemplo, à presença de problematizações para passar à análise e síntese. A informação é um elemento didático; entretanto, o próprio potencial do vídeo poderia ter ajudado numa maior dinamização dessas informações.

Na seqüência de critérios, temos a *presença do discurso verbal, linear, lógico e analítico* em todas as aulas. Este último é também característico da linguagem para vídeo, cooperando

no processo de passagem de informações, elaboração de problematizações, sínteses, dentre outros. Porém, quando não adequadamente articulado com outro critério denominado de *presença da dimensão intuitiva e emotiva*, torna a vídeo-aula exaustiva para muitos alunos, mesmo que contenha preciosas informações. Isso ocorre, entre outros motivos, ao contexto externo e interno de cada um, pois diferentes experiências tornam cada indivíduo um ser único e diverso ao outro. Isso caracteriza a necessidade da utilização de diferentes situações no contexto de uma aula. A princípio o meio audiovisual é aqui qualificado porque já é inerente a sua essência o possibilitar, através de múltiplos dispositivos, diferentes estímulos que podem colaborar no processo de aprendizagem.

Evidencia-se, portanto, uma maior necessidade do uso de elementos como efeitos sonoros, músicas, diferentes imagens, não sendo por justaposição ou superposição destes que vai se estabelecer um bom audiovisual, mas, sim, na interação mútua e na adição dessas com outras interações que será superado o significado de cada elemento expressivo, alcançando, portanto, um significado global que foi planejado e executado para atingir um ser integral.

O elemento *duração adequada ao conjunto da obra* alcançou êxito em todas as aulas. Por outro lado, o conjunto das 12 (doze) aulas não conseguiu dar um *final adequado ao conjunto do programa (coesão)*, pois somente 10 (dez) atingiram esse item. Verifica-se em relação a isso que, em geral, o conteúdo seguia numa seqüência até lógica, mas, no final, alguns professores pareciam que ainda iam continuar, quan-

do, na verdade, a aula já havia terminando. Segundo informações fornecidas por um supervisor de operações de determinada produtora de vídeo da cidade de Curitiba, quando se observa o espelho de um programa, a conclusão deve ser o fechamento desse. Numa perspectiva pedagógica, acrescenta-se ainda o fato da conclusão colaborar no processo de síntese do conhecimento. Dessa forma, constatou-se que, tanto técnica quanto pedagogicamente, a conclusão de um programa audiovisual necessita fechar com as idéias iniciais, dando coerência e ainda contribuindo singularmente à aprendizagem como ressalta o critério seguinte: *Conclusão interessante, sintética e estimuladora à continuação do trabalho, da pesquisa, por esse ou outros meios.* É o que se evidenciou em sete das doze aulas. Esse elemento é importante na medida que dá significado ao curso em questão e ao fortalecimento do profissional de educação, no caso aqui do papel de aluno (a). Há pessoas que por natureza são curiosas. Entretanto, arrisca-se a dizer que a grande maioria necessita de um espaço para serem instigadas a solucionar problemas, investigar, pesquisar, formular hipóteses, formular e reformular o conhecimento, pois este não é estático. Sendo assim, o indivíduo que se sente mobilizado para uma busca contínua de respostas (estas não se encontram somente em um curso ou instituição, mas em complexas relações) é um aluno que aprende a aprender cooperando para sua própria configuração enquanto pessoa e profissional.

Na categoria FORMULAÇÃO AUDIOVISUAL, levou-se em consideração a importância do cenário numa perspectiva pedagógica. Observa-se, portanto, como primeiro critério dessa categoria o item *cenário apre-*

sentado cores adequadas à relação figura-fundo. Anteriormente verificou-se que, enquanto produção gráfica e profissional, o cenário apresentou-se como de boa qualidade. Do ponto de vista pedagógico, entretanto, o cenário caracterizou-se por possuir muitas e diferentes cores. Devido ao grande preenchimento de espaços que o cenário apresentou, sua função enquanto fundo pode ter sido prejudicada na medida em que tirou a atenção da figura (interlocutor, apresentador) para si. Sobre isso MACHADO comenta que “*A composição do quadro tende a ser a mais despojada possível, os cenários não podem parecer exageradamente realistas, nem ostentar preenchimentos minuciosos, devem sim, orientar-se para a síntese ou esquema.*” (1997, p.50-51)

Considera-se que, do ponto de vista pedagógico, a representação do cenário poderia ter sido aproveitada de outras maneiras (como o foi, por exemplo, quando articulada junto com a vinheta no início do programa).

O segundo elemento, *adequado uso do vestuário (relação cor-fundo)*, interliga-se ao anterior podendo ou não cooperar qualitativamente na articulação da composição cores-luminosidade-figura-fundo-contraste, dentre outros. A maioria dos interlocutores usou roupas com tons adequados a uma transmissão de audiovisual, obedecendo também ao critério de figura-fundo. Por outro lado, na relação conjugada do cenário com a cor da roupa do interlocutor, o cenário ainda se sobressaiu devido às considerações já tecidas.

Um outro critério avaliador é o *equilíbrio entre os estímulos visuais e sonoros que neutralizam os efeitos de cansaço intelectual.* Esse foi prejudicado pela ausência de uma melhor exploração das múltiplas interações proporcionadas

pelo áudio e visual já aqui analisadas. Sobre isso FERRÉS (1996, p.67) declara que a diferença fundamental entre um bom programa audiovisual e a simples ilustração de um discurso verbal reside no fato de que, o primeiro, favorece o desenvolvimento de interações que promovem o próprio sentido do programa, enquanto que, no segundo, o sentido provém exclusivamente do texto falado, existindo uma simples justaposição ou superposição que tem como base um discurso verbal que se basta por si mesmo.

Considerações Finais

A comunicação só nasce do que é comum, daquilo que tem significado para mais de um, do reconhecimento do outro como alguém que ouve, vê, compreende, toca. O ser humano tem um desenvolvimento sadio nas relações de dar e receber. Isso gera equilíbrio em todas as dimensões do homem.

Aqui está um dos desafios para a ação educacional. Gerar programas didáticos que sejam realmente um terreno para a comunicação. A utilização de uma abordagem audiovisual do ensino carece de rigor e objetivos bem definidos. O trabalho não é de um só, mas de muitos diferentes que almejam algo em comum. Comunicar idéias a partir da articulação da imagem, som, texto falado e escrito, não é uma atividade comum, é criatividade.

Esta pesquisa reconhece a intenção e a ousadia de algumas instituições de ensino, pessoas que sonham e desenvolvem projeto educacionais utilizando-se da linguagem audiovisual via, dentre outros meios, o vídeo. São ações corajosas que se destacam na

imensidão dos que não fazem por diferentes motivos. Apontam-se aqui alguns elementos considerados relevantes na elaboração e utilização do audiovisual em vídeo a partir do estudo de caso aqui investigado. Abaixo seguem algumas considerações que se apresentam como sugestões à formulação de audiovisual (vídeo) didático ou para o uso de materiais já existentes:

- a. Na elaboração de vídeos didáticos a ação pedagógica precisa conhecer adequadamente os efeitos de todo processo comunicativo (conforme declarado no início deste artigo) para agir intencionalmente dentro de espaços identificados;
- b. Perceber e identificar num trabalho multidisciplinar (técnicos da comunicação, designers gráficos, pedagogos, dentre outros) o potencial do vídeo e suas possibilidades favoráveis no processo de aprendizagem;
- c. Rever os objetivos na formulação do audiovisual, reavaliando as diferenças existentes entre a mídia televisão e vídeo (o que já seria também fator de mudanças no material em vídeo aqui estudado);
- d. Aproveitar o potencial do meio (vídeo) para um maior alcance e espaço, objetivando uma aprendizagem a partir das novas concepções de conhecimento, levando em conta a necessidade de que não cabe ao mesmo somente transmitir as informações de caráter cognoscitivo, mas

também as sensações, as emoções e as experiências;

e. Observando-se o dito acima, compreende-se que as vantagens e desvantagens do uso do vídeo, ou qualquer outra tecnologia aplicada à educação, implica na correta utilização da mesma mediante uma ação interdisciplinar conjugada, não apenas na sua concepção, mas em sua produção e aplicação;

f. Na impossibilidade de refazer o vídeo didático suscitar o interesse pelo tema do mesmo antes da exibição, visto que não pode haver aprendizagem sem motivação. Para tanto, sugere-se aqui a formulação de um documento escrito que informe os objetivos, o valor do tema, sua importância para a vida e aprendizagem do indivíduo/grupo;

g. Observar se na relação vídeo-impresso há o efeito de complementação e não de repetição, a fim de atingir o aluno, senão em todas, mas na maioria de suas dimensões.

Por ser um curso na modalidade de ensino à distância, o aluno/grupo deve ser *motivado, percebido, orientado e estimulado* à comunicação e diálogo reflexivo. Dessa forma, o tutor (articulador entre os materiais e o estudante) deve estar preparado a ajudar o participante do curso para ter o melhor aproveitamento dos materiais (relação e síntese dos mesmos), dominando, portanto, todas as tecnologias envolvidas no processo de ensino.

A pesquisa aqui enfocada delimitou seu olhar sobre o audiovisual vídeo e seu potencial que é um espaço para a criatividade, permitindo romper a linha da passividade. Entretanto, o contexto pedagógico explorado é muito mais amplo. Proporciona espaço para que em futuras pesquisas compreenda-se como se deu à aprendizagem dos alunos a partir da relação teleaula-impresso (cadernos), permitindo, dessa forma, inferir-se um futuro olhar investigativo sobre o tema/objeto estudado. ■

Referências Bibliográficas

- BEHRENS, M. A. *O paradigma emergente e a prática pedagógica*. Curitiba: Champagnat, 1999.
- DONDIS, D. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FERRÉS, J. *Vídeo e educação*. Porto alegre: Artes Médicas, 1996.
- _____. *Televisão Subliminar: socializando através de comunicações despercebidas*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Religioso*. São Paulo: Ave Maria edições, 1997.
- GUTIERREZ, F. *Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo: Summus, 1978.
- MACHADO, A. *A arte do vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- MORAN, J. M. *Interferências dos meios de comunicação no nosso conhecimento*. In: Educação a Distância – EAD. *Eixo temático I*. UEA 4. Universidade Católica de Brasília – UCB, 1997.
- MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- PERUZOLLO, A. *comunicação inconseqüente* In: *Revista Sociais e Humanas*. Vol.8 n.3, set/dez 1993.
- PFROMM NETTO, SAMUEL. *Telas que ensinam: mídia e aprendizagem do cinema ao computador*. Campinas, SP: Editora Alínea, 1998.
- SANCHO, J. M. (org.). *Para uma tecnologia educacional*. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.
-